

O Vaga-Lume

Literatura do GRAAL



Valorizar

Mesmo que tenhamos pressa, uma borboleta não pode sair mais cedo do seu casulo. O seu processo de amadurecimento precisa acontecer lá dentro, para depois ganhar os ares. Da mesma forma, não adianta querer que as condições de vida se modifiquem e melhorem sem que ocorra um amadurecimento interno em cada participante desta história e que isso se concretize, de alguma forma, externamente. Para acontecer a mudança é preciso que cada um desperte a sensibilidade que habita o seu interior, elevando, consequentemente, a sua capacidade de valorizar as pequenas e grandes coisas que o cercam. Valorizar, respeitar e prezar são passos decisivos para podermos ver lá fora mudanças que precisam começar aqui dentro.

*“Eu gostaria que a vida não fosse banal, mas sim sagrada,
Eu gostaria que os dias fossem como séculos, cheios, perfumados.”*

Ralph Waldo Emerson

página 2



Buddha

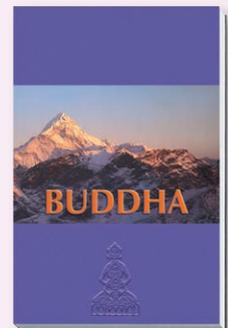
*Uma viagem pela Cordilheira do Himalaia,
ao encontro das origens do budismo!*

O príncipe Siddhartha levava uma vida paradisíaca no palácio de Kapilawastu e, subitamente, teve que descer até a mais baixa casta social indiana para percorrer um intenso caminho de dificuldades e aprendizados.

“Siddhartha estava ligado de corpo e alma a seu povo e a sua terra. Certo é que servira ao Eterno, mas apenas no círculo do seu povo. Achava-se, portanto, ainda fortemente agarrado ao pedacinho do mundo no qual vivera, e não havia como libertar a alma dessa contingência. (...) Tinha permissão para elevar-se, todavia, somente quando fossem partidos os laços e cadeias que ele, por si mesmo, tivesse conseguido romper.”

Em sua peregrinação, Siddhartha foi estimulado a refletir sobre diversos aspectos da existência humana que lhe pareciam obscuros, desenvolvendo, assim, elevada sabedoria e tornando-se um mestre espiritual para seu povo. A grande revelação em sabedoria, no entanto, viria a ser seu neto e sucessor, Gáutama-Buddha.

Ao longo da narrativa, o leitor conhecerá os primórdios do budismo, obtendo uma nova visão sobre as origens de vários conceitos, como a causa dos sofrimentos humanos, o Nirvana e a reencarnação, atualmente interpretados de inúmeras formas.



Leia também

O Nascimento da Terra

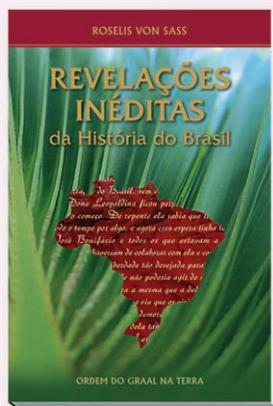
página 3

CRÔNICA: O cotidiano é a viagem

página 4

Revelações Inéditas da História do Brasil

de Roselis von Sass



Roselis von Sass propõe ler o Brasil com um olhar voltado para a espiritualidade e faz uma análise de três momentos considerados fundamentais para a História do País: os Povos Antigos que aqui habitaram, as circunstâncias que levaram à Independência e à construção de Brasília, deslocando a capital do País para o interior do território nacional.

Particularidades sobre grandes personagens envolvidos na luta pela Independência são reveladas. A narrativa faz justiça à brilhante e decisiva atuação da primeira imperatriz brasileira, Dona Leopoldina, que, por muito tempo, foi ofuscada na historiografia oficial.

“Assim, quando sustentava que ‘todo povo tem de ser livre, ainda que tenha de conquistar a liberdade à custa do seu próprio sangue’, Leopoldina o apoiava com toda a sinceridade. Que um povo deva ser livre, era coisa sobre a qual não tinha a menor dúvida, mas que para isso fosse preciso derramar sangue, isso não podia compreender.”

No compasso de uma borboleta

Quando pensamos em coisas que nos são sagradas, no sentido de serem respeitadas, apreciadas e, portanto, cuidadas, vivenciamos uma revalorização de conceitos.

Imaginemos a seguinte cena: durante uma viagem de férias, uma jovem fica emocionada com a beleza da natureza, reconhecendo-a como algo de especial valor. No decorrer dos dias seguintes, de volta à rotina, compra um pássaro, que passa a morar numa gaiola na área de serviço de seu apartamento. Imagina, assim, ter a natureza mais próxima de si.

Na verdade, porém, a natureza ficou mais longe, pois a moça ignorou uma característica fundamental do pássaro: suas asas. E com isso ela exerce um amor pela metade, um amor que privilegia a posse, sem comprometimento com o bem-estar de quem diz amar. Seu reconhecimento do valor da natureza está limitado pelas grades de uma gaiola. Pode-se argumentar que um pássaro que nasceu em cativeiro não consegue sobreviver caso repentinamente se torne livre, mas a justificativa não convence, pois assim que não houver mais consumidores para pássaros em gaiola, eles voltarão a ganhar asas.

Partimos do pressuposto de que reconhecer verdadeiramente o valor de algo se traduz automaticamente em respeito e no desejo de proteger. Implica ação, que pode transformar uma veneração, por vezes vazia, numa atitude proativa.

A capacidade de reconhecer algo sagrado ou de real valor não está vinculada ao tempo de vida. Não está ligada à idade adulta ou infantil, mas sim à verdadeira *infantilidade*, que pode se evidenciar em qualquer época da existência.



“Não é em vão que nas recordações da infância se insere uma leve melancolia. Trata-se do sentimento inconsciente de ter perdido alguma coisa que deixou um vazio, a incapacidade de intuir ainda infantilmente.

Mas decerto tendes notado muitas vezes o efeito maravilhoso e revigorante que causa uma pessoa, apenas com sua presença silenciosa, de cujos olhos irrompe de vez em quando um brilho infantil”, escreve Abdruschin em *Na Luz da Verdade*.

Jesus já dizia: *Tornai-vos como as crianças!* Talvez ele estivesse se referindo ao resgate de uma pureza capaz de captar as impressões do mundo que nos cerca de forma menos racional, mais receptiva e sensível, intuitiva.

Mas como a capacidade de reconhecer o que tem real valor pode sair do mundo das ideias e entrar no mundo das ações? Num primeiro momento seria interessante observar se a ação, o sentimento e a fala estão em sintonia. Como, por exemplo, explicar

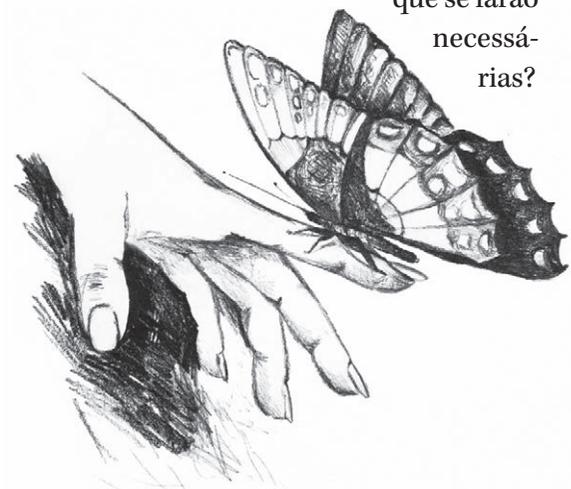
para uma criança que o alimento e a água são sagrados e precisam ser cuidados, se ela vê frequentemente ambos serem desperdiçados dentro da própria casa?

Outro aspecto intrigante é a relação com o tempo. A nossa constante pressa ao percorrer a vida está nos levando para onde? O respeito, muitas vezes, exige tempo, e temos dificuldade em esperar pelo tempo de as coisas acontecerem.

Níkos Kazantzákis, escritor, poeta e pensador grego, mostra, com delicadeza, em *Zorba*, o *Grego*, a relação com o tempo. Ele conta que uma borboleta demorava muito a sair de seu casulo e ele passou a esquentá-lo com o calor de seu corpo. “Abriu-se o invólucro e a borboleta saiu arrastando-se. Não esquecerei jamais o horror que tive então: suas asas ainda não se haviam formado, e com todo o seu pequeno corpo trêmulo ela se esforçava para desdobrá-las. Debruçado sobre ela, eu ajudava com meu sopro. Em vão.” A borboleta não resistiu e o escritor conclui: “Creio que esse pequeno cadáver é o maior peso que tenho na consciência. Pois, compreendo atualmente, é um pecado mortal violar as leis da natureza. Não devemos nos apressar, nem nos impacientar, mas seguir com confiança o ritmo eterno.”

A reflexão parece utópica em uma Terra superpopulosa, com cidades intransitáveis e uma sociedade ligada ao consumo. Mas será que falamos realmente de utopias ou de transformações

que se farão necessárias?



Vive-se numa época em que o muito parece ser inimigo do bom. Um exemplo: a combinação de muito lucro em curto espaço de tempo, muito desperdício e muita carne sendo produzida para alimentação. A consequência é a falta de tempo para a galinha crescer, para o gado se desenvolver e isso gera confinamento, desmatamento, condições duvidosas na criação em larga escala. E que “alimentação sagrada” seria essa, que é consequência de tantas insensibilidades em relação à vida?

Reconhecer algo sagrado compromete à ação, o que parece muitas vezes difícil porque queremos, acima de tudo, distração. Acontece que a felicidade tão almejada vem da ação. Pelo menos é o que diz o escritor australiano Paul Gilding, em entrevista à Globo News: “O que nós temos de perceber é que a qualidade de vida não vem das distrações, e sim de fazer coisas. Não se trata de se distrair na vida, e sim de vivê-la. Isso pode vir de uma comunidade mais forte, de aprender coisas novas...”. O escritor diz que grande parte dessas coisas não custa dinheiro, mas leva tempo. E vale a pena resguardar esse tempo, porque usá-lo exclusivamente para ganhar dinheiro não traz satisfação. “Nós temos de consertar o mundo, mas olhando para dentro e consertando nós mesmos. É por isso que toda essa ideia tem a ver com uma evolução consciente da humanidade e de nós mesmos. Reconhecer que isso tem a ver com qualidade de vida e que a vida assim será melhor é um ótimo começo”, conclui Gilding.

Reconhecer valores e protegê-los faz parte de uma evolução consciente que pode gerar um recomeço mais humano e coerente, recomeço dotado de asas que voam mais longe, leve e alto.

Leia ◀

O Nascimento da Terra

de Roselis von Sass



O Nascimento da Terra traz imagens que reproduzem episódios ocorridos em intervalos de bilhões, milhões e milhares de anos, durante a evolução do Planeta, tais como: transformações terrestres, o nascimento de astros, o esplendor das grutas de pedras preciosas, o desenvolvimento de animais à máxima nobreza, o início da vida humana na Terra...

Longe de ser um tratado científico, o livro busca evocar no leitor a saudade de outros tempos. Tempos em que existia uma compreensão diferenciada sobre a Natureza e sua relação com o ser humano. Tempos em que os seres humanos tinham profunda crença nos diversos seres e entes que protegiam o Planeta. Tempos em que as palavras mito e mitologia estavam longe de significar ficção ou fantasia.

Qual é a origem da Terra e como ela se formou? Como se deram os diversos preparativos para a chegada dos espíritos humanos?

“Nós, do povo da natureza, não conhecemos escuridão nem noite!”

Novidades no blog *O Vaga-lume*: <http://literaturadograal.blogspot.com.br/>

O cotidiano é a viagem

Olhava da janela do avião frágeis montinhos de terra que se pronunciavam aqui e ali, como a provocar o mar.

Algumas ilhas eram um pouco maiores e denunciavam penhascos, guarnecidos de casas brancas enfileiradas, que se debruçavam na água, dando a entender que homem e mar dançam por ali uma melodia perigosa e sedutora.

Mediante a força da paisagem e do vento, menor do que um passageiro num avião, eu me sentia mais como um pernilongo agarrado a um ultraleve.

Logo mais, com os pés já no chão, o montinho de terra parecia uma ilha grande o suficiente para abrigar todos aqueles turistas, ilha que eu não conseguia explorar a contento à pé.

A sensação dos contrastes foi semelhante ao subirmos de jipe uma montanha em Minas Gerais. Havia patamares diferentes, em que podíamos ter cada vez maior visibilidade da paisagem no entorno. Chegou a ser uma surpresa, quando, ao conquistar o topo, conseguimos ter uma noção

de tudo o que avizinhava aquele morro: natureza, pequenas casas, cidades maiores ao longe e tanto mais. Paisagens impossíveis de se imaginar antes de começar a subida.

Viver é estar num avião ou numa montanha o tempo todo. Por alguns momentos estamos vendo uma situação lá do topo, com abrangência. Quando o assunto muda, voltamos para a base da montanha e não conhecemos bem a paisagem por

completo, tendo uma visão fragmentada.

No caminho, encontramos pessoas que também estão experimentando patamares diferentes nas montanhas.

Nem sempre conseguimos julgar acertadamente de qual patamar da montanha ou de que coordenada, se leste ou sul, o interlocutor está falando. Pode ser que ele já tenha passado por esse mirante em que estou e tenha alcançado o topo, enxergando muito mais e tendo, portanto, um bocado de paciência para me escutar contar sobre a paisagem aqui de baixo. Ou pode ser

também que ele ainda não conhece a paisagem que estou vendo e eu é que precisarei de paciência para fazê-lo entender por que vejo algo a mais.

E como nem tudo na vida se trata de coordenadas geográficas, na maioria das vezes não poderei decifrar se ele está no topo ou na base da montanha, se ele já viu a casinha bucólica que estou vendo agora em detalhes ou se ainda não alcançou esse mirante. Esse é o charme e o desafio

do passeio. Não se pode julgar e descartar facilmente a visão do outro. A lente com a qual ele experimenta o mundo é só dele e depende da viagem particular que ele está fazendo ou já fez ao longo da vida. Isso demanda um grande respeito e paciência ao interagir. E mais que tudo, humildade para reconhecer que existem outros mirantes e tentar ver a paisagem de um patamar novo e desconhecido.

“...a espécie das impressões do mundo exterior, portanto do respectivo espírito propriamente! Por esse motivo, a mesma forma age sempre diversamente em cada espectador, mesmo que eles sejam unânimes em relação a sua beleza.”

Abdruschin, Na Luz da Verdade



O Vaga-Lume
Literatura do GRAAL

ORDEM DO GRAAL NA TERRA

Caixa Postal 128 - CEP 06803-971
Embu das Artes - SP
Fone e Fax: (11) 4781-0006
e-mail: graal@graal.org.br

Edição simplificada da Revista O Mundo do Graal editada pela Ordem do Graal na Terra e registrada no Cartório do 2º Ofício de Notas e Anexos, da Comarca de Itapeverica da Serra, São Paulo.

Frases e trechos de livros citados nesta publicação, que não aqueles de livros editados pela Ordem do Graal na Terra, são apenas ilustrativos. A entidade é independente, não tendo relação com outras filosofias e autores, nem com outras opiniões expressadas por eles.

Tiragem: 45.000

Certificação FSC



AO LEITOR

A Ordem do Graal na Terra é uma entidade criada com a finalidade de difusão, estudo e prática dos princípios da Mensagem do Graal de Abdruschin “NA LUZ DA VERDADE”, e congrega aquelas pessoas que se interessam pelo conteúdo das obras que edita. Não se trata, portanto, de uma simples editora de livros. Se o leitor desejar uma maior aproximação com aqueles que já pertencem à Ordem do Graal na Terra, em vários pontos do Brasil, poderá nos contatar:

Por telefone:
(11) 4781-0006

Por carta:
ORDEM DO GRAAL NA TERRA
Caixa Postal 128 - CEP 06803-971
Embu das Artes - São Paulo

Internet:
<http://www.graal.org.br>
<http://literaturadograal.blogspot.com.br>
E-mail: graal@graal.org.br
Skype: ordemdograal

Sucursais:
Apucarana - ☎ (43) 3422-3331
Campinas - ☎ (19) 9661-9661
Cuiabá - ☎ (65) 3624-8199
Curitiba - ☎ (41) 3672-3500
Fortaleza - ☎ (85) 3267-9004
Franca - ☎ (16) 3701-0200
Gravatá - ☎ (51) 3431-6843
Santo Ângelo - ☎ (55) 3312-6123

Os livros editados pela Ordem do Graal na Terra podem ser adquiridos em diversas livrarias e bancas, através da Internet ou do telemarketing.

Também estão disponíveis para consulta em várias bibliotecas.

Verifique na sua cidade.